



RELICI  
**CONSCIÊNCIA IDENTITÁRIA NA PEREGRINAÇÃO DE FERNÃO MENDES  
PINTO<sup>1</sup>**

*IDENTITY AWARENESS IN PILGRIMAGE OF FERNÃO MENDES PINTO*

*Pedro D'Alte<sup>2</sup>*

**RESUMO**

Tendo como objeto de estudo a obra *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, pretende-se perspetivar, no âmbito do quadro literário e histórico, de que forma a imbricação da narrativa fornece elementos explícitos que demonstrem uma consciência identitária em relações a *topoe* centrais como são a nacionalidade, a religião, a cultura e o urbanismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fernão Mendes Pinto, Portugal de Quinhentos, Peregrinação, imagologia.

**ABSTRACT**

Having as object of study the work *Pilgrimage* by Fernão Mendes Pinto, it is intended to envisage within the scope of the literary and historical framework, how the overlapping of the narrative provides explicit elements that emphasize an identity consciousness in top and central relations such as religion, culture and urbanism.

**KEYWORDS:** Fernão Mendes Pinto, Portugal of Five Hundreds, Pilgrimage, imagology.

**INTRODUÇÃO**

Seguramente menos fantasiosa do que as *Aventuras do Barão de Münchhausen* (2016), onde a narrativa opera sob o signo da 'fantasia' e a personagem se fazia viajar numa bala de canhão para ir ver o que se passava na Praça Forte, em frente, e voltava ao sítio de partida em cima de outra bala de

---

<sup>1</sup> Recebido em 28/03/2020. Aprovado em 02/09/2020.

<sup>2</sup> Universidade do Minho/Instituto Politécnico de Macau. pedrogabrielreis@gmail.com  
Revista Livre de Cinema, v. 7, n. especial, Dossiê Cinema e Literatura de Viagens, p. 72-88, set, 2020  
ISSN: 2357-8807



RELICI

73

canhão, podem ser lidas as aventuras do português Fernão Mendes Pinto, retratadas em *Peregrinação*<sup>3</sup>.

Conforme o título anuncia, Fernão Mendes Pinto viu-se envolvido na dinâmica migratória marítima onde se aponta que entre os séc. XV e séc. XVIII partiram de Portugal os seguintes números: “séc. XV: 50 000; 1500-1580: 280 000; 1580-1640: 360 000; 1640-1700: 150 000; 1700 – 1760: 600 000. Em suma, entre 1 milhão e 1,5 milhões de pessoas emigraram de Portugal entre 1415 e 1760” (Bettencourt & Curto, 2010:179). Apesar de em Mendes Pinto ser identificada, como fator justificativo da viagem, a obtenção de riqueza e busca de melhores sortes, esta exportação cultural geral teve diferentes ritmos e deve ser lida num quadro de mobilização cultural heterogênea sem traços relativamente transversais onde alguns deles, como os missionários ou os que procuravam a fortuna, eram movidos cegamente por um só objetivo e os restantes eram impelidos por uma série de circunstâncias e motivações, entre as quais nenhuma era predominante (Russell-Wood, 1998). A peregrinação é iniciada num micro cenário que é o próprio reino:

Le voyage du bourg natal de Montemor-o-Velho à Lisbonne devrait conduire à une “formation”, à une réussite dans la société. Mais cette réussite est compromis par une ‘affaire’, une mauvaise affaire dont led étai ne nous est pas donné. Le voyage de Lisbonne vers Setúbal, lieu de séjour du roi João III, qui fuyait l’épidémie de peste, est cette fois un voyage ver un refuge, - fût-il un refuge royal. Mais ont lieu l’attaque por un corsaire (français!), le pillage, avec le risque d’être vendu comme esclave, et finalement un débarquement misérable, comme si était rendu (...). On pourrait donc dire que, paradoxalement, ce long récit de voyage dans des pays extrêmement lointains commence par un voyage au Portugal même (Brunel, 1997: 555).

Fruto do acometimento do corsário francês começa a sua jornada incrível, ampliada a um macro cenário, exterior a Portugal. No fundo, e nas palavras de Lema (1999: 37), “a sua vida [seria] então, durante vinte anos, até 1557, uma longa peregrinação por terras e mares do Extremo Oriente, desde a Abissínia, Arábia,

---

<sup>3</sup> À obra Pinto, F. M. (2008). *Peregrinação*. Matosinhos: Quidnovi correspondem as citações. Por economia textual, sempre que se referir a mesma, utilizar-se-á a abreviatura ‘P’ seguida da menção à página em apreço.



RELICI

74

Malaca, Samatra, Java, Sião, China e Japão, com aventura, ora em missões políticas, ora negociando ou evangelizando”. Ao longo destas peripécias, Mendes Pinto tornar-se-ia um personagem pouco ortodoxo dentro dos cânones da época dado que o venturoso foi “soldado, negociante, pedinte, embaixador, cortesão, jesuíta, pirata, treze vezes cativo, dezassete vendido” (Ribeiro, 1976: 5).

O extravasamento do cenário literário, propiciado pela mobilidade de Fernão Mendes Pinto, acompanha o próprio alargamento daquele que é o mundo conhecido pelo Homem. Este exercício irá potenciar os choques identitários, a tomada de consciência pela personagem e as tensões daí decorrentes.

## **A VIAGEM COMO POTENCIALIZADORA DE TRANSAÇÕES CULTURAIS**

Em *Peregrinação*, pode falar-se dos efeitos de uma primeira globalização. Dito de outra forma, à escala planetária assiste-se a “um complexo de processos e forças de mudança que, por conveniência, pode ser sintetizado sobre o termo ‘globalização’” (Hall, 1992: 67). Neste contexto, tais fluxos migratórios funcionaram como catalisadores culturais, tornando oponíveis diferentes povos que pela ampliação do mar se viriam a envolver em sinergias variáveis. Em diferido, os *não-migrantes*, os “que ficavam” podiam experienciar o resultado das trocas culturais personificadas, por exemplo, na agitação do mercado que permitiu o consumo da melancia, da abóbora, da banana, do caju, do maracujá, do chá, do açúcar ou da canela que viriam a confluir para alterações no *modus vivendi* dos cidadãos (Barreto, 1989: 16-26). Corroborando-se o gosto pelo exotismo leia-se o trecho de Ana Paula Laborinho, presente no *Jornal de Letras, Artes e Ideias*:

Antes da sua publicação, em 1614, já a obra provocava a atenção do público (...) Na sequência da versão de Herrera Maldonado, a obra conhece um enorme sucesso, que se manterá ao longo do século XVII, sendo traduzida nas principais línguas europeias, o que mostra o apreço do público por esta narrativa que era lida como romance de aventuras ao gosto da época, em vez do relato autobiográfico que o autor propõe (Laborinho, 2011).



RELICI

Aqueles que partiam participavam, por vezes, em verdadeiros fenómenos de aculturação. Sá de Miranda (1937: 82), à época, escrevera: “o pouco que sabemos mostra-nos uma fascinante troca de signos sensoriais entre as diferentes civilizações, troca que não se extinguiu quando o europeu/português com novos hábitos e gostos, voltava à sua terra”. Em consonância também se pode ler um outro pensador, Damião de Góis, recuperado em Cardim: “costumão estes gentios beber fumo de ptigma por outro nome erva santa [...] grande parte dos portugueses beberam este fumo, e o têm por vício, ou por preguiça, e imitando os índios gastam nisso dias e noites”(Cardim, 1939: 172).

Sumariamente, a viagem torna visível o *outro* e concretiza um jogo de força entre os dois lados do espelho. De certa forma, permite-se uma erosão na *identidade mestra* que, por seu turno, potencia o surgimento de outras identidades. Nas palavras de K. Mercer (1990: 43) “identity only becomes an issue when it is in crisis, when something assumed to be fixed, coherent and stable is displaced by the experiences of doubt and uncertainty”.

Apresentados os traços gerais que situam as chaves de leitura concretizadas no presente artigo, importa afunilar as mesmas e promover um eixo interpretativo que saliente a consciência de identidade, alteridade, religião, cultura e tradição, urbanismo e património na voz de Fernão Mendes Pinto em *Peregrinação*.

## IDENTIDADE E ALTERIDADE

Um dos traços identitários<sup>4</sup> assumidos em Mendes Pinto é percecionado logo nas primeiras páginas de *Peregrinação*. De forma sumária, a primeira tomada

---

<sup>4</sup> Sabemos hoje que as identidades culturais não são rígidas nem, muito menos, imutáveis. São resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação. Mesmo as identidades aparentemente mais sólidas como a de mulher, homem, país africano, país latino-americano, ou país europeu, escondem negociações de sentido, jogos de polissemia, choques de temporalidades em constante processo de transformação, responsáveis em última instância pela sucessão de Revista Livre de Cinema, v. 7, n. especial, Dossiê Cinema e Literatura de Viagens, p. 72-88, set, 2020  
ISSN: 2357-8807



RELICI

76

de consciência surge em relação à sua pobreza. Posteriormente refletem-se as diferenças correlacionadas com a nacionalidade, a língua e, por último, a religião. Este discernimento não é prodígio descontextualizado ou desenraizado, nem se esgota num mero fenómeno mental. Aliás em relação às identidades religiosas e nacionais, estas

têm sempre um suporte objetivo. É praticamente inconcebível: 1) sem alguma forma de expressão política, isto é, sem que em algum momento da história se manifesta através da apropriação de um poder dotado de certo grau de autonomia (ou seja através de alguma forma de Estado); 2) sem um polo espacial e um território determinados, mesmo que esse polo se transfira para outro ponto e que as fronteiras do território variem ao longo dos tempos; 3) sem que a autonomia política e o seu âmbito territorial permaneçam de forma contínua durante um período temporal considerável (Mattoso, 2008: 7).

O fenómeno de *alteridade* pressupõe um enquadramento identitário que crie um patamar de identificação comum entre um dado grupo possuidor de características semelhantes e transversais a esse grupo e um outro grupo, periférico, em falta de tais idiosincrasias. Os traços identitários em questão são extremamente valorizados pelo grupo primeiro, e a ausência deles legitima a marginalização, sofrendo o segundo grupo as causas dessa valoração. O grupo segundo será tanto mais periférico quanto maior for o grau de ausência das características valorizadas pelo grupo primeiro. Assim, “l’Alter, c’est-à-dire l’étranger pris dans un jeu de reflets, l’Alius, l’étranger à distance de toute identité occidentale” (Moura, 1992: 299).

---

configurações hermenêuticas que de época para época dão corpo e vida a tais identidades. Identidades são pois, identificações em curso (Santos, 1993: 11).

Revista Livre de Cinema, v. 7, n. especial, Dossiê Cinema e Literatura de Viagens, p. 72-88, set, 2020  
ISSN: 2357-8807



RELICI

## AS CONSCIÊNCIAS IDENTITÁRIAS NA VOZ DE FERNÃO MENDES PINTO EM PEREGRINAÇÃO

### *A identidade pela religião*

A 'novela picaresca' cria um género literário único<sup>5</sup>. Assim, ao jeito do romance picaresco iniciado por Lazarillo de Tormes no séc. XVI cujo personagem principal é um miserável que anda pelo mundo a mando e serventia de vários patrões, que recorre a artimanhas várias de forma a solucionar o problema sempre presente que é o da fome, também Mendes Pinto parece partilhar de traços comuns. Na solução de seus problemas, Mendes Pinto recorre mormente a Deus:

Cette confiance dans l'aide de Dieu, qui est constante, et qui est constamment soulignée dans *Pérégrination*, distingue fortement ce récit de voyage d'une épopée comme l'*Odyssée*, où le héros, en butte à l'hostilité de Poséidon, protégé par Athéna, est déchiré entre deux divinités contraires sans que cela l'empêche de parvenir, *en fine*, à ce qui, comme l'a souligné Hegel, est son vrai but, le retour (Brunel, 1997 : 555).

É sobre esta fé de matriz cristã que Mendes Pinto se move e categoriza o outro que se lhe apresenta. Aliás, a fé cristã é uma trave-mestra na identidade da personagem. Desde logo, as notas de publicação atestam não haver qualquer transgressão quanto à Santa Sé<sup>6</sup>. Os primeiros contactos com o muçulmano forçam uma batalha, apesar de não ser essa a intenção de ambas as fações. No entanto, esta resolução pela luta permite ilustrar bem a animosidade entre as seitas. Assim, o muçulmano é tido como inimigo, seja ele árabe ou ex-cristão conforme se lê

E disse tambien outras muytas cousas particulares muyto importantes a

---

<sup>5</sup> Nas palavras de Saraiva (2004: 985), lê-se o seguinte: "revolucionário na época, e "muito próximo das técnicas do nosso tempo", como escreveu um crítico espanhol, "narrativa livre, formada pela soma de episódios que só se ligam pelo facto de ser idêntico o ponto de vista do seu protagonista. Esta é decerto a técnica da "Peregrinação", que apenas se afasta do género descrito pelo facto de narrar acontecimentos que pela sua própria largueza e ineditismo se sobrepunham às reacções particulares do protagonista".

<sup>6</sup> A nota de publicação atesta o seguinte: "Este liuro cujo titulo he peregrinação de Fernão Mendez Pinto não tem cousa algũa contra a nossa santa Fé ou bõs costumes & guarda delles, antes he historia muyto boa, chea de muyta variedade & nouidade".

Revista Livre de Cinema, v. 7, n. especial, Dossiê Cinema e Literatura de Viagens, p. 72-88, set, 2020  
ISSN: 2357-8807



RELICI

78

nosso proposito. E antre algũas que nos disse, nos veyo a confessar que era Christão renegado, Malhorquy de nação, natural de Cerdenha, filho de hum mercador que se chamaua Paulo Andrès, & que não auia mais que sós quatro annos que se tornara Mouro por amor de hũa Grega Moura com que era casado. Os Capitaães ambos lhe cometerão então se se queria tornar a fè, & fazerse Christão, a que elle respondeo tão duro, & tão fora de toda a rezão, como se nacera & se criara sempre naquella maldita seita. Os Capitaães ambos vendo quão cego & desatinado estaua este malauenturado no conhecimento da santa & Catholica verdade de que lhe tratauão, auendo ainda tão pouco tempo que fora Christão, como tinha confessado, crecendolhe a colera, com hum zelo santo da honra de Deos o mandaraõ atar de pès & de mãos, & viuo foy lançado ao mar com hum grande penedo ao pescoço, donde o diabo o leou a participar dos tormentos de Mafamede (P: 8).

O tópicio da religião é idiosincrático. Ela é segregadora entre diferentes credos aglutinadora entre pessoas debaixo da mesma fé. As linhas seguintes revelam um matiz religioso comum:

Os inimigos entendendo o dano que nos tinhão feito, derão hũa grande grita em sinal de victoria, chamando por Mafamede, porem o nosso Capitão mòr, vendo por quem elles chamauão, esforçando os seus lhes disse: Ah senhores & Christaõs, ja que estes caães chamão pelo diabo que seja com elles, chamemos nos por lesu Christo que seja com nosco (P: 18).

É essencialmente pela ativação da identidade religiosa que também o outro inflige danos no cristão:

A gente do pouo vendonos vir assi presos, & conhecendo que eramos os Christaõs catiuos, foraõ tâtas as bofetadas que nos deraõ que em verdade afirmo que nunca cuidey que escapassemos daly cõ vida, porque auião, pelo que o Caciz dizia, que ganhauão indulgencia plenaria em nos vituperarem, & maltratarem. Desta maneyra fomos leuados por toda a cidade a modo de triunfo, com grandes gritas & tangeres, onde ate as molheres encerradas, & os moços & mininos nos lançaõ das genellas muytas panellas de ourina por vituperio & desprezo do nome Christão (P: 11-12).

Tal episódio ganha especial ênfase se contrastado com momentos onde Mendes Pinto é recebido por portugueses, que partilham a mesma identidade, e atestam o que temos vindo a afirmar: “Chegando nos a Gotor hũa legoa abaixo do porto de Massuaa, fomos todos bem recebidos da gente da terra, & de hum Portuguez que ahy achamos” (P: 9).



RELICI

79

Apesar do retrato polarizado, Fernão Mendes Pinto reconhece por vezes valor no *outro*, *embora* mormente este seja retratado em tom pejorativo. “hum laniçaro Capitão de hũa das tres Galeotas, homẽ honrado, & de muyto ser & valia entre elles, por nome Coja Geinal” (P: 13).

É curioso constatar que a caracterização do outro tendo como identidade-mestra a religião, é atenuada assim que Mendes Pinto desacompanha o capitão António Faria. Há uma emergente “focalização positiva da espiritualidade asiática, repassada de uma teosofia cósmica” (Moniz, 1992: 269) “ainda que o narrador, convictamente cristão e europeu, se refira sempre de forma depreciativa às religiões alheias” (Laborinho, 1997: 168). Apesar desta atenuação, há uma clara supremacia ideológica cristã pois só à fé cristã sucumbe o mouro que clama por conversão: e abraçandose comigo muyto apertadamente, me pidio com muytas lagrimas que logo o fizesse Christão, porque entendia, & assi o confessaua que só com o ser se podia saluar, & não na triste seita de Mafamede, em que ate então viuera, de que pedia a Deos perdão (P: 44-45).

E é sobretudo a influência religiosa que regra a vida de Fernão Mendes Pinto e lhe serve de matriz identitária. Recorde-se que o mesmo viria a converter-se uma ordem religiosa, à Companhia de Jesus e desempenharia a tarefa de missionário. Neste ponto, *Peregrinação* assume uma feição polissémica e consubstancia o ritual de viagem religiosa a Oriente, equiparável a Meca, e comporta toda a significação da evangelização e da moralização.

#### *Identidade nacional e exotismo*

Em momento anterior se destacou a nacionalidade como identidade relativamente maturada, isto é, como apontamento demarcado em Fernão Mendes Pinto que o permite situar-se em relação ao outro. Infere-se tal posição pela simples



RELICI

80

evocação do corsário ‘francês’ em oposição a ‘português’. Aqui resulta a nação como elemento de disparidade identitária.

Para tal construção contribuem a noção de fronteira geográfica do reino “por causa da peste que então havia em muitos lugares do Reino” (P: 6) e consciência topográfica interna do território “era este navio uma formosa nau de um mercador de Vila do Conde que se chamava Silvestre Godinho” (P: 7). E se tal consciência se revela rudimentarmente simples, lembre-se, de forma sucinta, o episódio dos pescadores da Póvoa de Varzim. Para estes homens do mar, a identidade nacional revelou-se abstrata: “E conta-nos que um dia o rei D. Luís perguntou do seu iate a uns pescadores, com quem se cruzou na costa, se eram portugueses; e a resposta foi desconcertante e clara: “Nós outros? Não, meu Senhor! Nós somos da Póvoa do Varzim!”<sup>7</sup>.

A consciência de identidade nacional verifica-se num outro episódio. Quando mergulhado na miséria, Mendes Pinto espera que outro português lhe possa valer pelo simples facto de partilha de identidade: “porque por mim que era Português, e muito parente do Capitão de Malaca lhe dariam em toda a parte o que pedisse” (P: 12).

Uma outra passagem é reveladora das características positivas associadas à nacionalidade: “acompanhada de um presente de boas peças, mandadas em nome d’el-Rei nosso Senhor, e à custa de sua fazenda, como é costume fazerem os Capitães [portugueses] naquelas partes” (P: 17). A identidade nacional está também presente nos portugueses que ora em Taypor se fazem passar por estrangeiros apátridas, ora quando ante o rei tártaro se assumem como Portugueses e enaltecem as suas capacidades de navegação.

---

<sup>7</sup> Visite-se o seguinte endereço: <http://e-cultura.blogs.sapo.pt/64178.html> . [consultado a 25 de janeiro de 2020].



RELICI

81

Em oposição à sua identidade nacional são apresentadas, em tons oponíveis, as restantes culturas. De certa forma, “Fernão Mendes Pinto, [surge] na esteira de um Castanheda ou de um Pêro Vaz de Caminha, [que] aprende a observar e a descrever o que observa graças à novidade do que vê” (Saraiva, 2004: 985). Esta novidade é quase sempre situada, em termos comparativos, face à sua própria nacionalidade e complementada com referenciais europeus que norteiam o leitor: “E os que compram isto andam pelas ruas tangendo em umas tabuinhas como quem pede para São Lázaro” (P: 59) ou noutro segmento “como entre nós costumam os romeiros que vêm de Santiago trazer os brincos d’azeviche” (P: 108). Tais notações surgem em oposição à exótica descrição dos templos de outras paragens, que por serem tão diferentes necessitam de coordenadas norteadoras como as anteriores,:

destes monstruosos ídolos adentro, pela mesma ordem e fileira em que eles cingiam esta lezira, havia outra de arcos, de obra riquíssima em que os olhos tinham assaz que ver, e em que se deleitar, e tudo o mais que daqui para dentro era um bosque de laranjeiras anãs muito basto sem outra mistura de árvore nenhuma, no meio do qual estavam fabricadas trezentas e sessenta ermidas, dedicadas aos deuses do ano (P: 48).

Mesmo as práticas sociais que não são estranhas à sociedade portuguesa, como é o caso da ‘caça’, a esta atividade se acrescentam elementos que criam um espaço onírico ou exótico: “e assim uns se ocupavam em caças, de que há infinidade nesta terra, principalmente de veados e porcos monteses; outros em montar tigres, badas, onças, zebras, leões, bufaras, vacas bravas e outras muitas diversidades de alimárias nunca vistas nem nomeadas cá na Europa” (P: 98). Em contraste, surgem relatos de práticas de outros povos como os Nucaramões:

muito feios e mal assombrados, vestidos de peles de tigres com umas panelas de cobre debaixo dos braços, cheias de uma certa confeição de urina podre, misturada com esterco de homens, tão peçonhenta e de fedor tão incomportável, que por nenhum modo se podia sofrer nos narizes, e pedindo esmola ao povo, diziam dá-me esmola logo nessa hora, e senão comerei disto que come o diabo e borrifar-te-ei para que fiques maldito como ele (P: 105).



RELICI

82

Parece que o exposto entra em linha com Silva (1988: 549) que afirma: “a evasão no espaço conduz ao exotismo, ao gosto pelos costumes e paisagens de países novos e estranhos, e, por vezes, ao gosto pelo bárbaro e primitivo”.

### *Urbanismo e património*

Importa salientar a diferença quase dicotómica na colonização a Oeste do cabo da Boa Esperança da ocorrida a Este do referido ponto<sup>8</sup>. Se, por um lado, no Brasil, os portugueses sofreram pouca contestação e puderam edificar as suas cidades; por outro lado, quase em oposição, a Oriente, um diferente contexto e uma maior maturação civilizacional dos interlocutores com que os portugueses se depararam, é visível na receção à cultura. Por exemplo, em Macau sucedeu-se o seguinte: “tendo o religioso construído uma igrejinha coberta de palha e convertido alguns chins, criando uma pequena cristandade de cerca de setenta e cinco almas (...) a reação dos chineses foi a mesma, destruindo as cabanas” (Dias, 2005: 16).

Viria a tornar-se práxis comum que “quando confrontados com civilizações estabelecidas, os portugueses se instalavam em franjas dos territórios” (Rossa, 2010: 71). Em contexto urbano e de difícil imposição - pelos motivos adiantados -, outros fatores como ausência de mão-de-obra e de materiais colocavam os portugueses na retaguarda quanto à elaboração arquitetónica. Por exemplo, “Afonso de Albuquerque mandou reparar as muralhas. (...) Em 1513 além de ter mandado fazer forros de cal e vir muita pedra de longe (...) reconstruiu o Palácio da Fortaleza. (...) Afonso de Albuquerque utilizou mão de obra portuguesa, obrigando os marinheiros, militares e até fidalgos a trabalhar nos muros. (Dias, 1998: 44).

---

<sup>8</sup> Conforme refere Bettencourt (2010: 182), “verificou-se um marcado contraste entre os padrões no povoamento na área do Atlântico e até no Sudeste Africano, e a colonização portuguesa nas costas do mar Arábico, na Índia e até ao Japão. Nas ilhas atlânticas (Madeira, Porto Santo, Açores e Cabo Verde), em São Tomé e Príncipe e no Brasil, a colonização portuguesa teve uma dimensão marcadamente rural (...) a colonização portuguesa a oriente do cabo da Boa Esperança decorreu em contexto urbano”.



RELICI

83

Mais, os feitos arquitetônicos de maior relevância a Oriente são de cariz militar como constata Rossa (2010:72). Não admira, portanto, que Fernão Mendes Pinto se coloque sempre em posição subalterna ao visitar os templos asiáticos: “não havia nenhum dia em que não houvesse muitas maneiras de coisas muito novas e muito custosas e muito para ver, e muito mais para contar, uma das quais foi aos cinco da lua em que se publicaram os jubileus, uma procissão que teria de cumprimento, segundo o esmo dos nossos, mais de três léguas” (P: 101)<sup>9</sup>.

Apesar da subalternidade sentida pela personagem, existiram, a Oriente, edificações de levado empreendedorismo.

Evoque-se a Catedral de Goa cujos clérigos diziam equiparar-se ao próprio Mosteiro dos Jerónimos, com uma fachada de 36 metros, maneirista, de três andares com divisão por pilastras toscanas, ao centro uma porta com duas colunas caneladas, arco debruado, janela serliana de verga triangular, ou mesmo a Frontaria da Igreja da Assunção de Nossa Sr.<sup>a</sup> da Companhia de Jesus cuja frontaria fachada-retábulo do período clássico evoca igrejas portuguesas como a de São Gonçalo de Amarante e de São Domingos de Viana do Castelo, podendo considerar-se que se trata de uma expressão portuguesa contrastante com a religião local.

Todavia estes apontamentos perdem importância, uma vez que não retiram o sentimento de subalternidade ao personagem central do nosso estudo que se sente diminuído ante a opulência, sobretudo do urbanismo chinês, que é prosopopeia da ‘utopia’ e serve de mote de entrada ao tópico seguinte.

---

<sup>9</sup> A passagem não é equivalente a dizer-se que não existem edificações a Oriente. Leia-se: “Pangim, a última capital de Goa, foi construída e concebida com uma mestria perfeita, segundo padrões muito semelhantes aos de uma pequena vila tradicional portuguesa com ruas estreitas e praças com jardins centrais” (Carita & Araújo, 1998: 539).



RELICI

### *A utopia*

Mais ténue, e requerente de maior reflexão interpretativa, é a utopia como portadora de consciência identitária. Em relação ao Oriente, já João de Barros, feitor da Casa da Índia entre 1533 e 1567, inclui na *Terceira Década* um relato sobre a China, sem contudo ter viajado até lá, destacando a Muralha da China e a admiração pelas artes e a organização da sociedade chinesa. Fernão Mendes Pinto na *Peregrinação*, publicada em 1614, embora escrita na última década de Quinhentos, configura a China como um lugar admirável que o mundo europeu-cristão deveria tomar como referência fundamental (Lema 1999: 44). De facto, pela voz de Fernão Mendes Pinto comprova-se que a

Monarquia da China que contém em si trinta e dois reinos, é tão nobre, tão rica, e de tão grande tráfico, e comércio, é porque é toda lavrada de rios e esteiros de admirável feição, muitos que a natureza fez, e muitos que os reis, os senhores, e os povos antigamente mandaram abrir, para que toda a terra se pudesse navegar e comunicar sem trabalho (P: 65).

O relato assume a nação chinesa em contornos oníricos. Existe a consubstanciação de uma certa *utopia chinesa* que, no fundo, representa uma montagem quase imaginária dum quase paraíso no império dos mandarins, a partir dum 'dizem que disse' (cap. 93) ou 'do que aí nos contaram e algumas vezes ouvi' (cap. 92). Um reino imenso vedado ao estrangeiro pela política e pelas muralhas, com tanta gente que se comeria uma à outra, se não fosse a organização do trabalho rigorosamente estandardizado, com respeito absoluto por todos os degraus da autoridade, mesmo os beleguins. Um império fabulosamente rico, onde se dorme em leitos de ouro e prata e onde os pobres têm albergues gratuitos; onde tudo é grande, até as prisões com 300 mil presos, adstritos a serviços prisionais. Um reino onde os ricos se dedicam à música para gáudio dos pobres e bonitas mulheres se oferecem aos que não podem pagar (Carvalho, 1978: 162).

Porém, o que colocará a China como portadora de tal significação? Talvez o país em questão congregue o que escapava à Europa do momento. Profundamente  
Revista Livre de Cinema, v. 7, n. especial, Dossiê Cinema e Literatura de Viagens, p. 72-88, set, 2020  
ISSN: 2357-8807



RELICI

85

marcada pela cisão religiosa, vítima de movimentos fracionários como o Luteranismo, Calvinismo ou Protestantismo e pela emergência do pensamento científico com Copérnico e Galileu, tais fatores viriam a retirar poder ao Papa em favor dos reis. O descentramento da Praça de S. Pedro constituiu uma erosão na principal identidade mestra: a religiosa. Tanto que, geralmente, o “mando” que existe na China é amplamente mencionado como portador do efeito utópico. “em cada rua destas há dez doze lanternas acesas postas em cima dos mastros, para que se veja quem passa de noite, quem é, para onde vai, e o que busca, para que pela manhã se dê razão de tudo ao Chaem” (P: 61).

A China opera uma transfiguração na personagem. Se o discurso inicial vai acentuando uma certa superioridade portuguesa, o contacto com o Oriente tolda esta cosmovisão e o final da obra pauta-se pelo caráter disfórico que, aliás, já vinha sido anunciado pela inserção da obra no quadro da literatura picaresca.

Nos momentos derradeiros, ao perceber-se como português finalmente remetido à sua pátria, e injustamente tratado, Fernão Mendes Pinto percebe a incapacidade do país para gerar a felicidade, felicidade essa que ele experienciara perenemente a Oriente. Conforme se nota, assiste-se à deslocação inexorável do centro utópico para Oriente. Concluindo, a consumação da felicidade, é possível porque operada dentro do signo da <utopia>, sob o signo do “*eu-topos*, o bom lugar” (Avelar, 2003). Irrrompe assim uma nova

Utopia [que] emerge no Renascimento alimentando a imaginação de um mundo melhor ao alcance da construção e da vivência humana no lugar. A *República* de Platão é já um modelo similar longínquo mas é, de facto, a *Utopia* de Thomas More, publicada em 1516, que apresenta o projeto de uma sociedade alternativa de homens felizes (Lema, 1999: 44).

## CONCLUSÃO

Aproveitando as palavras de Pinto-Correia (1983:85), mais do que o testemunho isolado e individual de um “andarilho” aventureiro, a *Peregrinação*, pouco a pouco, deverá impor-se na cultura portuguesa e ocidental como a narrativa



RELICI

86

marginal, mas necessária, não como manifestação da visão “sombria” da Expansão como defendia Hêrnani Cidade, mas enquanto a omissão-a-ter-que-ser-dita para a visão mais completa da gesta portuguesa de Quinhentos.

E, sobre este prisma, a obra permite ler e conhecer uma consciência crítica que evidencia diversos matizes identitários da época. A obra, ainda que tida relativamente periférica, permite ler os portugueses de quinhentos nas suas múltiplas identidades, e, sobretudo, e isso é tão importante, as negociações vivenciais que as identidades de uns operam em oposição às identidades do *outro*.

## REFERÊNCIAS

AVELAR, A. P., (2003). *Visões do Oriente. Formas de sentir no Portugal de Quinhentos*. Lisboa: Colibri.

BARRETO, L. F. (1989). *Os Descobrimentos e a Ordem do Saber – Uma análise sociocultural*, Lisboa: Gradiva.

BETTENCOURT, F. & CURTO, D.R. (2010). *A Expansão Marítima Portuguesa – 1400 – 1800*. Lisboa: Edições 70.

BRUNEL, P. (1997). “Mythe et Voyage dans “Pérégrination”. In Falcão, A. et al. (1997). *Literatura de Viagem – narrativa, história, mito*. Lisboa: ed. Cosmos, pp.555-64.

BUESCU, M., (1997), *Apontamentos de Literatura Portuguesa*, Porto, Porto Editora.

CARDIM, F. (1939). *Tratado da Terra e Gente do Brasil*. São Paulo: ed. C. Abreu e R. Garcia.

CARITA, H. & ARAÚJO, R. (1998). *Universo Urbanístico Português 1415-1822*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

CARVALHO, J. (1978). “Relendo a Peregrinação” in *Brotéria*, 107, pp.162-86. Lisboa.



RELICI

87

DIAS, P. (2005). *A urbanização e a Arquitetura dos Portugueses em Macau 1557 – 1911*. Lisboa: ed. Portugal Telecom.

\_\_\_\_\_ (1998) *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822) – O Espaço Índico*. Lisboa: Círculo de Leitores.

FERREIRA, M. (1998). *Literatura dos Descobrimentos e da Expansão portuguesa*. Lisboa: ed. Ulisseia.

HALL, S. (1992). *A identidade cultural da pós-modernidade*. Lisboa: DP&A.

LABORINHO, A. P. (2011). “O livro dos fingimentos” in *Jornal das Letras, Artes e Ideias*, nr.1050.

LEMA, P. (1999). “Desde a origem, Uma geografia de Viagens” in *Finisterra*, XXXIV, pp.37-45.

MATTOSO, J. (2008). *A Identidade Nacional*. Lisboa: ed. Gradiva.

MONIZ, A. (1992). “Peregrinação de Fernão Mendes Pinto na China”. In *Estudos Orientais*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, (3), pp. 269-277.

MOURA, J. (1992). *L'image du Tiers Monde dans le roman français contemporain*. Paris: PUF.

MIRANDA, S. (1937). “Carta a Pereira”. in *Obras Completas*. (2), p.82.

MERCER, K. (1994). “Welcome to the jungle” in Rutherford, J. (ed.) *Identity: Community, Culture and Difference*. London: ed. Lawrence and Wishart.

PINTO-CORREIA, J. (1983). *Autobiografia e Aventura na Literatura de Viagens: a Peregrinação de Fernão Mendes Pinto*. Lisboa: Seara Nova.

RIBEIRO, A. (1976). *Aventuras extraordinárias de um Português no Oriente*. Lisboa: Livraria Sá da Costa.

ROSSA, W. (2010). *Patrimónios de Origem Portuguesa no Mundo – arquitetura e urbanismo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

RUSSEL-WOOD, A. (1998). “Governantes e agentes” in Bettencourt, F. & Chaudhuri, F. (1998). *História da Expansão Portuguesa*. Lisboa: Temas e Debates. Revista Livre de Cinema, v. 7, n. especial, Dossiê Cinema e Literatura de Viagens, p. 72-88, set, 2020  
ISSN: 2357-8807



RELICI

88

SANTOS, B. (2006) – *A gramática do tempo: Para uma nova cultura política*. Porto: Ed. Afrontamento.

\_\_\_\_\_ (1993). “Modernidade, Identidade e a Cultura de Fronteira” in *Revista Crítica de Ciências Sociais*. (38), p.11.

SARAIVA, A. J. (2004) *Crónicas*. Matosinhos: Quidnovi.

SILVA, V. A. (1988). *Teoria da Literatura*. Coimbra: Almedina.